

Grupo de Trabajo: Inscrição do significante no real .

Autor: Irma Peusner *

Título: O que escreve o gozo específico?

Dispositivo: Mesas de Grupos de Trabajo de Convergencia

A Teorização de Lacan em relação à Psicossomática está marcada por dois momentos. O primeiro, em torno do Seminário 11, em 1964 (1), justamente nos capítulos dedicados à constituição subjetiva no campo do Outro e, particularmente, ao referir-se, através da experiência de Pavlov, ao caráter intrusivo e traumático do encontro do vivente com o Outro. Partindo deste momento, Lacan recorta dois conceitos para explicar a lesão: Afânise e Holofrase. Onze anos mais tarde, ele retomaria este tema na Conferência de Genebra sobre sintoma (2). Nesta conferência, proferida em 1975, introduzirá outros dois conceitos para falar de Psicossomática: Nome próprio e Gozo específico. No contexto de nosso grupo de trabalho “A inscrição do significante no real”, proponho uma breve reflexão a respeito da lesão psicossomática bordejando uma pergunta: o que o gozo específico escreve inscrito dentro da ferida psicossomática. A primeira hipótese é que se trata da Demanda do Outro atuando sobre o *infans* na etapa pré-subjetiva, na qual a criança se encontra tão à mercê do Outro quanto o cachorro diante do experimentador. Retomando o exemplo escolhido por Lacan, o animal não pode nem poderá jamais interrogar o experimentador. Em compensação, o *parlêtre*, depois de haver passado por este primeiro momento de perplexidade, poderá interrogar o Outro criando seu próprio significante, liberando-se desse gozo mortífero. No entanto, ficando este futuro sujeito exposto às demandas vindouras, esta operação de separação do Outro não significará para ele uma garantia total, pois esta operação sempre deixará um resto: “esses pedacinhos em carne viva” que permanecem sempre à espreita para brotarem diante dos inevitáveis momentos de perplexidade aos quais a vida de todo *parlêtre* está sujeita. Na etapa constituinte, o que é celebrado pelo gozo específico é o fato de o inevitável contato com o Outro ser algo profundamente intrusivo e traumático. Neste sentido, na clínica infantil, é interessante assinalar que certos problemas psicossomáticos padecidos pelos infantes, às vezes, cedem quase

que de maneira espontânea, à medida que as operações subjetivas de constituição forem sendo efetivadas.

A lesão psicossomática nos revela uma legalidade que não é nem a fisiológica nem a do corpo erógeno: trata-se de um corpo de “órgãos” recortados pela interferência do Outro sobre a função. No caso da função digestiva, como foi exemplificado por Lacan no Seminário 11, o corpo é condicionado, levado a responder, mediante a secreção dos sucos gástricos, já não como uma resposta ao alimento, mas sim, às sinetas e badaladas do Outro. Diante da repetição idêntica desta cena, fixa e inesquecível, o corpo é levado a escrever a lesão. Lesão que reaparecerá cada vez que este encontro voltar a ocorrer e o sujeito não puder interrogar. A fixação deste gozo denuncia esse ponto que permanece latente e em carne viva pronto para brotar “como herpes em dia de festa a florescer no rosto”.(3)

Na Conferência de Genebra, Lacan se refere a lesão psicossomática como “*un escrito cifrado en el cuerpo y que nos es dado como un enigma*”(2). O problema é que não possuímos um código para poder decifrá-lo. A hipótese proposta por mim é que não há e nem haverá nenhum código para realizar esta leitura porque se trata justamente de um momento pré-subjetivo. Um momento mítico que construímos como antecedente lógico do desencadeamento da lesão. Para este ponto converge a direção da cura apontada por Lacan, a invenção do Inconsciente apostando na revelação desse gozo específico que deixou o sujeito perplexo e fixado sem poder produzir ali seu próprio significante. Este fato também é homeomorfo à observação clínica da apresentação intermitente deste tipo de doenças que se manifestam mediante surtos e remissões, as quais, na melhor das hipóteses, acompanham a interrogação subjetiva do paciente na terapia. Porém, é melhor não pensarmos que somos curandeiros, às vezes, a remissão pode ser espontânea ou tão inesperada quanto seu desencadeamento.

(maio de 2009)

* Esta apresentação se apóia nos seguintes trabalhos de Psicossomática :

Irma C.W. de Peusner (1997) e “La fatiga crónica : historia de un Peregrinaje . Apresentado na Reunião Lacanoamericana da Bahia.(1997)

Irma C.W. de Peusner (2001): “La perplejidad orgánica” Del laboratorio al dispositivo analítico. Apresentado na Reunião Lacanoamericana de Recife , Brasil. Publicado na revista “on line” de Psicossomática. “Tatuajes” N°6 (2003).

Irma C.W. de Peusner (2006): “¿De qué goza el psicosomático? Apresentado nas Jornadas da Escola freudiana de Buenos Aires (EFBA) “Cuerpo, síntoma, goces” (outubro de 2006).

Irma C.W. de Peusner (2007) : “El nombre propio en la clínica psicosomática “ Trabalho apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise Montevidéu . Novembro 2007.

Referências

*Autora : Irma C.W. de Peusner . Lic. em psicologia ; Dra em Ciências Biológicas (UBA) e membro da EFBA (Escola freudiana de Buenos Aires).
maromagster@gmail.com

- 1) Jacques Lacan (1964) : “Los cuatro conceptos fundamentales de I psicoanálisis, editorial Barral (1977) España.
- 2) Jacques Lacan (1975) “Conferencia en Ginebra sobre el síntoma” en Intervenciones y textos 2 , Editorial Manantial (1991).
- 3) Jacques Lacan (1958): “La dirección de la cura y los principios de su poder” Escritos 2. Siglo veintiuno editores (1975). Primera edición en francés(1966).